

## RESENHA

Título: Emílio Ribas, O Guerreiro da Saúde.  
Autor: Dr. José Lelis Nogueira (Pindamonhangaba, SP).  
Ano de Publicação: 2012  
Editora do Autor

Ao falarmos deste livro, vamos fazer uma coisa pouco freqüente quando se escreve uma resenha: vamos falar também do seu Autor, de sua ideologia, de sua visão de mundo. Isto porque acreditamos que a existência da “criatura” depende do que o “criador” pensa; e o livro é uma “criatura” muito especial.

Recentemente, um dos autores desta resenha (SL) esteve em Pindamonhangaba (São Paulo) na esperança de buscar luzes para clarear um pouco a escuridão da história das origens do sanitarista *pindense*, Dr. Emílio Marcondes Ribas, médico que tanto contribuiu no combate aos gigantescos problemas epidemiológicos e de saúde pública, enfrentados por São Paulo, pelo Brasil e, porque não dizer, pela própria humanidade dos fins do Século XIX e início do XX. E não poderia ter escolhido melhor hora para chegar lá, pois no “Museu Histórico e Pedagógico Dom Pedro I e Dona Leopoldina” estava montada uma exposição onde pode apreciar objetos relacionados ao grande “Guerreiro” pindense da Saúde. Durante a visita foi ainda orientado a procurar a casa do Dr. José Lelis Nogueira, autor de um livro recentemente impresso, mas ainda não divulgado. Para onde se dirigiu e foi recebido pelo Dr. Lelis, que além de lhe acolher com cortesia, ainda lhe deu uma magistral aula sobre este importante personagem da saúde pública paulista. Contou-lhe o Dr. Lelis que o seu interesse por Emílio Ribas veio dos bancos escolares da Escola Paulista de Medicina. Aliás, Instituição paulista das mais competentes e tradicionais, e que mais recentemente passou a constituir a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Além de tudo isto, nos presenteou com o livro acima referido.

Em seu livro, o Dr. Lelis aborda praticamente toda a obra do grande Sanitarista e saneador do Estado, coirmão como Diretor Sanitário, ou seja, ele exerceu o cargo que hoje chamamos de Secretário de Estado da Saúde. Como Emílio Ribas foi um Ser ao mesmo tempo ciclópico e épico, vivendo

em um verdadeiro inferno, onde as epidemias pareciam brotar da terra, o Dr. Lelis, em seu livro, o chamou de “Guerreiro da Saúde”. Considerando cada uma de suas grandes realizações como uma “batalha” vencida. Então, em sua obra, temos: a batalha da saúde (as diversas lutas para vencer surtos epidemiológicos de grande envergadura), a batalha do Butantan (varíola, ofidismo, soros e vacinas), a batalha de Campos do Jordão (tuberculose, sanatórios, construção da estrada de ferro), a batalha de Santo Ângelo (hansenianos, isolamento com humanismo), a batalha da história (narrando as preferências midiáticas da época, que acarretaram injustiça histórica), e muito mais. Para mostrar a dramaticidade dos problemas de saúde da época, ele menciona a visita feita pelo navio “Lombardia”, pertencente à armada real italiana ao porto do Rio de Janeiro, em missão de amizade, no ano de 1896, em que dos trezentos e quarenta marujos que aportaram nas águas cariocas, duzentos e trinta e quatro perderam a vida, vitimados pela febre amarela. Uma tragédia sem par! Isto para mostrar o Brasil do período que antecede as experiências de Emílio Ribas (e Adolfo Lutz) que lhes permitiu testar a hipótese de contágio e demonstrar a transmissão da febre amarela por meio da picada de mosquito infectado por sugar o sangue de um amarílico. Antes de Ribas, acreditava-se (como um dogma) que a transmissão da moléstia seria homem doente-sadio, sem a intermediação do mosquito. O próprio Osvaldo Cruz, grande sanitarista do Estado do Rio de Janeiro (que também tem raízes paulistas) só passou à sua guerra contra os mosquitos depois de demonstrado o papel do vetor dessa enfermidade. A propósito, o mosquito é o mesmo que ainda aflige a humanidade, inclusive populações inteiras de várias regiões brasileiras, transmitindo dengue (hoje, com sua terrível forma “hemorrágica”); isto é, o temível *Aedes aegypti* (antes conhecido pelo sinônimo de *Stegomyia calopus*).

Neste interessante livro, resultado das incansáveis buscas por informações de variadas fontes, incluindo em jornais da época, o Dr. Lelis encontrou um episódio de apelo pelas armas de guerra propriamente dita pelo “Guerreiro” Sanitarista de São Paulo, episódio épico que deixamos para o leitor desta resenha desvendar quando ler a obra.

Devemos dizer que a solução dos problemas epidemiológicos envolve uma amplitude de ações e conhecimentos (holísticas) onde a multiplicidade de aspectos deve ser considerada sem peias nem amarras; aliás, coisa reconhecida, não só por Emílio Ribas, mas também pelo saneador carioca Osvaldo Cruz. Quando falamos em multidisciplinaridade, é forçoso reconhecer o papel da História Natural (envolvendo não só a patologia básica e a entomologia, mas ainda a climatologia, a geologia, a biogeografia, que constituem os aspectos amplos da epidemiologia). Coisa que o autor da presente obra compreende muito bem, uma vez que Ele é um médico homeopata que trata os seus clientes por meio de uma visão holística. Infelizmente, essa visão naturalística se perdeu no caminho da história,

privilegiando-se, pela insistência midiática (e pelos interesses dos grandes laboratórios), as especializações, que hoje vão ao ínfimo nível molecular. Não se trata de ser contra a especialização (e abordagens que atingem muitas vezes até mesmo o nível atômico), a qual inegavelmente trouxe gigantescos avanços para a ciência moderna e, especificamente, à saúde pública. Todavia, o que é muito grave, é o avanço de esta tendência ter-se dado em detrimento da “visão abrangente” que é a única a considerar as propriedades emergentes oriundas da interação entre as partes que compõem o “todo”.

No Brasil, a linha naturalística praticamente desapareceu quando a mando dos americanos, houve a reforma do ensino que desestruturou toda a tradicional escola brasileira, através do plano MEC-USAID, que nas universidades transformou o ensino de quase todas as áreas de conhecimento. O curso de História Natural foi dividido em dois outros de natureza completamente distinta. De um lado, o curso de Geologia que além de fornecer uma massa crítica competente para a Petrobrás, também geólogos para outras empresas de mineração. De outro lado, o de Biologia, curso sem identidade própria, que além de fornecer pessoas mal pagas para a educação superior e média; aqui e ali, fornece alguns profissionais mais bem sucedidos em áreas de pesquisas, nas instituições públicas de pesquisa e de ensino, especialmente em biologia celular e genética. Aliás, entre os egressos dos cursos de Biologia está também um bando de “boias frias” de meio-ambiente que fornecem dados discutíveis para as milionárias ONGs do “crédito de carbono”. Além das mocinhas de bonito porte físico que dão suporte “científico” para as principais redes televisivas.

O livro mostra também o lado humano do grande médico, e seus conflitos pelas ausências de sua casa, de sua querida esposa e de seus filhos, motivadas pelo intenso labor científico e de administração de toda a área de saúde de um enorme território meio virgem, com estradas e outros tipos de comunicação ainda muito precários. Destaca também o grande apoio doméstico que teve de sua esposa, Dona Maria Carolina Bulcão Ribas (dona “Mariquinha” que estava sempre presente e disposta a ouvi-lo, especialmente nas horas de maior aflição pelos desgastes que sofreu), especialmente quando o velho paradigma da transmissão da febre-amarela começou a ser sacudido, devido a ação de uns poucos profissionais, que adeptos das antigas lições o massacravam por meio de uma mídia muito “ciente”, mas pouco consciente.

Por fim, ainda devemos destacar o que narra o Dr. Lelis em seu livro a respeito da epopéia que foi a construção da estrada de ferro Pindamonhangaba-Campos do Jordão (São Paulo) e especialmente o que fala da primeira locomotiva que fez o primeiro percurso pela estrada recém-construída. A locomotiva foi chamada de “Prudente de Moraes”, mas logo apelidada carinhosamente pelos trabalhadores que participaram da construção da Estrada (esta referida sempre pelo Doutor Emílio Ribas

como “nossa estradinha”) como “Catarina”. Pois bem, agora uma curiosidade, o Dr. Lelis menciona que a “Catarina”, depois de haver servido a uma mineradora, passou para um “ferro velho” curitibano aonde se encontra sobre a carcaça de uma velha “jamanta”. Confidenciou-nos ele que há interesse do Poder Público paulista em adquirir a referida locomotiva para integrá-la a um museu ferroviário que pretende montar. O que será muito interessante, pois tudo o que vier para preservar a pobre memória deste País será muito apreciado, e quem o concretizar certamente contará pontos perante a comunidade paulista e brasileira.

Cabe-nos mencionar ainda que o livro é prefaciado pelo Excelentíssimo Senhor Governador do Estado de São Paulo, Dr. Geraldo Alckmin, que alias também é médico, e nascido em Pindamonhangaba.

- Autores:  
Sebastião Laroça PhD & Carlos Cunha Nascimento, Farmacêutico-Bioquímico.